André Pomponet

O legado dos jornalistas-escritores

André Pamponet - 18 de julho de 2020 | 07h 43

Foto: Reprodução

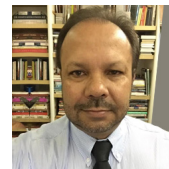
Dias atrás escrevi a crônica dos escritores-jornalistas, aqueles que migraram das redações para o universo literário. Mas são inspiradores também aqueles que exerceram o jornalismo com tanto talento que, com justiça, poderiam ser enquadrados como jornalistas-escritores. Até mencionei dois deles no texto anterior: John Reed e Truman Capote. Ambos norte-americanos. Aqui no Brasil menos gente trilhou o mesmo caminho, até pelas condições de trabalho muito mais adversas.

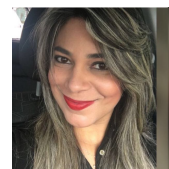
Mesmo assim, não nos faltam destaques. É o caso, por exemplo, de Euclides da Cunha. Jornalista-escritor ou escritor-jornalista? Até hoje é tarefa complicada definir o autor do monumental "Os Sertões". A epopeia de Antônio Conselheiro e de Canudos, óbvio, foi um episódio histórico e Euclides da Cunha acompanhou-o como jornalista. A questão é que a obra vai muito além de um mero relato.

Lê-lo, a propósito, não é tarefa das mais fáceis. Percorrer aqueles sertões, familiares para quem é nordestino, – o texto é intricado feito a caatinga e o vocabulário é amplo como as campinas sertanejas – exige dedicação, impõe disciplina. Aproveitei a quietude de um Carnaval na Feira de Santana para enfronhar-me na leitura. Na terça-feira de Carnaval, eletrizado pela luta heroica dos sertanejos e por aquela narrativa grandiosa, conclui a leitura. Mas sigo relendo trechos sempre, aprendendo ali a escrever.

A série de reportagens para o "Estado de São Paulo", em 1897, originou a obra. Magnetizado pela experiência, Euclides da Cunha expandiu o escopo, e uma pesquisa minuciosa originou o livro. A caracterização da "Terra" e do "Homem" integram as duas

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
100.000
Meu Bunker em Coité

André Pomponet
É tempo de pipa nos cé
Incertezas climáticas e na Feira

Emanuela Sampaio
Secretário de Comunic Borges é o aniversariar
Doutor Tarcízio Piment comemora idade nova.

César Oliveira- Crô
Desistências
Setembro não é longe d

AS MAIS LIDAS HOJE

1 100.000

2 Cidades no entorno de Salvador começ flexibilizar transporte cumprindo proto

3 Caixa credita saque emergencial do FG nascidos em julho

4 Feira: Colbert diz que encarou com natu apoio de Targino a Geilson

partes iniciais, que são coroadas pela narrativa da "Luta", que é a descrição do covarde massacre conduzido pelo Exército brasileiro.

5 Paulo Guedes diz que Brasil se saiu me EUA na crise

O jornalista norte-americano John Reed não escreveu como Euclides da Cunha, mas testemunhou fatos marcantes nas duas primeiras décadas do século XX. Ele estava na revolução mexicana do lendário Pancho Vila na década de 1910, acompanhou, percorrendo diversos países da Europa, o começo da Primeira Guerra Mundial em 1914 e, em 1917, já estava na Rússia testemunhando a revolução que originou o império soviético.

As três experiências renderam livros: "México Rebelde", "Guerra dos Balcãs" e "Dez dias que abalaram o mundo", respectivamente. Em todas elas, ele esteve no campo de batalha, expondo-se aos riscos. Os relatos são intensos, vívidos, impressionantes. E, em todos eles, estão lá os requisitos dos bons textos jornalísticos: a clareza, a concisão, a objetividade e, sobretudo, a precisão.

Suas descrições das paisagens, das personagens, dos contextos dos episódios dramáticos que testemunhou, são magistrais. Aqui comigo, reputo John Reed como o maior jornalista que já existiu. Quem lê, nas obras, suas peripécias, sua obstinação em sempre estar no palco dos grandes acontecimentos, mesmo com a própria vida em risco permanente, nota seu singular faro jornalístico.

Truman Capote não acompanhou nenhum episódio dessa dimensão, mas a qualidade impressionante dos seus textos – assim como sua indiscutível capacidade jornalística – o alçaram à condição de celebridade. "A Sangue Frio", uma de suas obras mais notáveis, narra com minúcias o massacre de uma família no interior dos Estados Unidos. A obra é extensa, mas o estilo é tão atraente que quem se agarra ao livro só consegue abandoná-lo no fim da leitura.

Conforme observei em texto anterior, fui lendo essa gente ao longo da vida, sem planejamento ou disciplina, mas com muita constância. Sem dúvida, foram experiências marcantes. E que tipo de parâmetro se usa para dimensionar essa importância? É subjetivo, óbvio, mas é muito cristalino: é quando fica aquela sensação de que não se é mais o mesmo, após a conclusão da leitura...

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

É tempo de pipa nos céus da Feira | Incertezas climáticas e eleitorais na Feira | O currículo esquecido no exemplar da Perestroika

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 99151-1623
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense